



MÚSICA E INTERSECCIONALIDADE: gênero e deficiência em um estudo de caso

Ewerthon Lucas de Oliveira Lima Santos

Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)
ewerthon.lucas@gmail.com

Gabriela Araújo Torquato da Silva

Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)
gabrielaats1993@gmail.com

Francisco Bethoven Michielon Silva

Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)
chicobethovenprofessor@gmail.com

Kerginaldo Fonseca Bezerra

Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)
kergiffonseca@hotmail.com

Jane Eyre Pedro

Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)
janepedro17@gmail.com

Como citar este artigo?

SANTOS, Ewerthon Lucas de Oliveira Lima; SILVA, Gabriela Araújo Torquato da; SILVA, Francisco Bethoven Michielon; BEZERRA, Kerginaldo Fonseca; PEDRO, Jane Eyre. Música e interseccionalidade: gênero e deficiência em um estudo de caso. *In: Encontro sobre Música e Inclusão*, 11., 2024, Natal/RN, **Anais eletrônicos** [...]. Natal/RN: EMUFRN, 2024. Tema: Participação e responsabilidade coletiva para o fortalecimento da Inclusão e Acessibilidade. p. 149-160. Disponível em: <https://ojs.musica.ufrn.br/emi>.

RESUMO

Este estudo explora a interseccionalidade entre gênero e deficiência visual na trajetória acadêmica e musical de uma aluna do Bacharelado em Música da Universidade Federal do Rio Grande do Norte e participante do programa Esperança Viva. Com base em uma abordagem qualitativa e no método de estudo de caso, foi realizada uma entrevista semiestruturada para compreender como esses marcadores moldam sua experiência. A pesquisa destaca os desafios enfrentados pela aluna sem acesso a materiais adaptados e o suporte fornecido pela instituição, além de evidenciar a influência das identidades de gênero e deficiência na construção de sua formação musical e acadêmica. Realizamos uma entrevista semiestruturada utilizando uma abordagem qualitativa.

PALAVRAS-CHAVE

educação musical, interseccionalidade, gênero, deficiência, inclusão.

1 INTRODUÇÃO

A Escola de Música da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, desde 2009, oferece aulas de flauta doce para pessoas com deficiência visual, oportunizando a inclusão dessas pessoas na educação musical. A professora Catarina Shin, docente da instituição, apresentou, no ano de 2011, uma proposta de criação de um projeto de extensão com essa finalidade. Hoje, ele se consolida com o nome Esperança Viva tornando-se um dos primeiros projetos que hoje integra o programa “guarda-chuva” com o mesmo nome. A partir disso, surgiram diversos outros com ênfase em outras necessidades específicas, como a Síndrome de Down (Projeto Musicalização UP) e o Transtorno do Espectro Autista (Projeto Som Azul), por exemplo, contemplando alunos regulares da Escola de Música bem como pessoas interessadas da comunidade em participar (Bezerra, 2016).

Atualmente, o projeto é vinculado ao Setor de Musicografia Braille e Apoio a Inclusão (SEMBRAIN) que tem um papel importante nas ações de inclusão da Escola de Música da UFRN, desde: produção de partituras em braille (transcrição e revisão), ampliação do acervo digital de partituras digitais no RIA, produção e adaptação de materiais, formação continuada em educação musical especial/inclusiva, promoção de eventos para esse nicho, além de aquisição, manutenção, guarda e controle da utilização de recursos de tecnologia assistiva do setor. Essa articulação nasceu em 4 de dezembro de 2014, durante o II Encontro Sobre Ensino de Música Para Pessoas com Deficiência Visual, quando foi criado o SEMBRAIN por consequência das demandas do projeto e dos alunos regulares da graduação. Desde então se configurou uma parceria com a Comissão Permanente de Apoio a Estudantes com Necessidades Educacionais Especiais (CAENE) que, atualmente é a Secretaria de Inclusão e Acessibilidade (SIA).

Sabendo desse lugar que a Escola de Música da UFRN oferece a partir de suporte com um setor que objetiva aparatos para a inclusão, assim como um programa que tem o caráter de oferta da educação musical especial em uma perspectiva inclusiva, se faz pertinente compreender que as experiências dos alunos não se podem restringir somente a um único marcador, nesse caso, a deficiência, de modo que alguns outros fatores trazem formas únicas de vivências que integram desafios distintos dentro de uma mesma comunidade, por exemplo.

Nessa perspectiva, a interseccionalidade vem sendo objeto de estudos que advém das ciências sociais, principalmente a partir da década de 80 (Pereira, 2021) a fim de elucidar de maneira sistêmica as opressões a partir de uma “taxionomia” ao que

tange diferentes formas de opressão. No final do século XX, a advogada Kimberlé Crenshaw cunhava o termo “interseccionalidade” a fim de explicitar como diferentes marcadores sociais, desde características biológicas e sociais se entrelaçam para uma discriminação com características singulares. A princípio, a autora alinha o termo ao referir-se a questões raciais e de gênero no âmbito do direito e da justiça. (Silva, 2016). Pode-se dizer que sua origem remonta ao movimento do final dos anos de 1970 conhecido como Black Feminism (cf. Combahee River Collective, 2008; Davis, 1981; Collins, 1990; Dorlin, 2007), cuja crítica coletiva se voltou de maneira radical contra o feminismo branco, de classe média e heteronormativo (Hirata, 2014).

No entanto, podemos também utilizar as lentes da interseccionalidade para compreender diferentes formas de opressão quando articulada a outros marcadores a fim de se fazer leitura de determinados operadores simbólicos que engendram em um mesmo indivíduo, podendo ser gênero, deficiência, raça, classe... como explicitado na figura abaixo:

Figura 1 – Diagrama articulando os marcadores “mulher” e “deficiência”



Fonte: um dos autores

[Início da descrição] A imagem é composta por dois círculos que se sobrepõem parcialmente, formando uma área compartilhada no centro. Cada círculo representa uma identidade específica. O círculo à esquerda é azul e tem o rótulo “Mulher”; o círculo à direita é rosa e tem o rótulo “Deficiência”. Onde esses círculos se encontram, há uma área roxa que simboliza a intersecção dessas identidades. [Fim da descrição]

A partir do conceito de interseccionalidade proposto por Crenshaw, a presente pesquisa busca compreender como as identidades de gênero e deficiência visual, articuladas, influenciam a trajetória educacional de uma aluna cega no contexto da educação musical. A pergunta que orienta esse estudo é: **“De que maneira as intersecções entre ser mulher e pessoa com deficiência visual moldam as experiências dessa aluna na Escola de Música da UFRN e do Programa Esperança Viva?”**.

A escolha desse cenário se dá em virtude do caráter em que a instituição traz como “ambiente inclusivo” em virtude das inúmeras ações que atendem as necessidades de estudantes com deficiência. Desse modo, esse trabalho justifica-se pela necessidade de compreender uma perspectiva que deem subsídios para a criação de um ambiente mais equânime à vista das condições de opressão que perpassam diferentes marcadores em um sujeito.

2 OBJETIVOS

O presente trabalho tem como objetivo geral investigar a interseccionalidade entre gênero e deficiência visual moldam as experiências educacionais e musicais de uma aluna do Bacharelado da EMUFRN e integrante do Projeto Esperança Viva. Para isso buscou-se analisar a trajetória acadêmica e musical da aluna, identificando os desafios enfrentados durante seu processo de aprendizagem musical e de vida acadêmica, bem como examinar como as identidades de gênero e deficiência visual se articulam e influenciam suas vivências no ambiente universitário e no contexto do Projeto Esperança Viva.

Investigar a trajetória acadêmica e musical, com foco nas experiências relacionadas a gênero e deficiência visual, para compreender como esses marcadores moldam a formação de uma aluna da Universidade Federal do Rio Grande do Norte que se insere na graduação de Bacharelado em Música. Foram investigados os desafios enfrentados por uma mulher com deficiência visual no processo de aprendizagem musical, assim como analisada a percepção da participante sobre as especificidades e diferenças que a identidade de gênero e deficiência trazem no contexto acadêmico.

3 METODOLOGIA

Nessa perspectiva, compreendendo as dinâmicas sociais a partir da perspectiva da interseccionalidade (Crenshaw, 2002), este trabalho se caracteriza de abordagem qualitativa e, em seus objetivos da pesquisa, ampara como descritivos de modo a investigar os valores, “atitudes, percepções e motivações do público pesquisado, com a preocupação primordial de os entender, em toda a sua profundidade” (Gonçalves e Meirelles, 2004, p. 46), portanto um estudo de caso, que para Gil (2002), tem propósitos que visam explorar situações da vida real descrevendo a situação do contexto onde está sendo feita determinada investigação.

Como coleta de dados, foi utilizado a entrevista semiestruturada que, para Boni (2005) elucida as amostras ao interesse da pesquisa de tal forma que o pesquisador deve seguir questões previamente definidas em um contexto próximo a uma conversa informal.

Entrevistamos umas das alunas que chamaremos pelo nome fictício de “Vitória”. Ela é participante do Projeto Esperança Viva e aluna do bacharelado de canto lírico na EMUFRN. Na entrevista, abordamos temas que envolve o significado e representatividade da música em sua vida, assim como os desafios e dificuldades que ela enfrenta por ser uma pessoa com deficiência visual e até que ponto isso influi nos afazeres discente, levando em consideração a interseccionalidade das suas relações como mulher musicista, pessoa com deficiência visual e mãe. Abordamos também sobre a logística no que diz respeito aos suportes tecnológicos e físicos que a EMUFRN oferece para a sua aprendizagem musical.

Antes da entrevista, foi solicitado à colaboradora a leitura e a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE de modo a assegurar a entrevistada os caminhos metodológicos da pesquisa, a autorização na participação, assim como no uso dos dados coletados os restringindo somente a construção da pesquisa, resguardando dos possíveis riscos e enfatizando a confidencialidade sobre a identidade da participante. Da mesma forma, os pesquisadores assinaram o termo a fim de compactuação do que rege o documento.

Mesmo a entrevista trazendo vantagens enquanto técnica de coletas de dados a partir de uma compreensão mais aprofundada sobre determinado fenômeno (Duarte, 2004), alguns aspectos podem trazer limitações na aferição dos dados, como a possibilidade do entrevistador ou entrevistado ser influenciado de maneira consciente e/ou inconsciente sobre aspectos atitudinais, ideias ou opiniões, assim como o

entrevistado não compreender os significados das perguntas cabendo uma falsa interpretação (Marconi; Lakatos, 2010). Sabendo disso, a condução das perguntas tiveram um distanciamento dos temas entre uma questão a outra a fim das respostas não se subordinar a um falso “julgamento” por parte do entrevistado, além disso, a semiestruturação da entrevista trouxe maior ênfase nas perguntas de modo que caso uma pergunta não se faz compreender, o entrevistado pode trazer um novo questionamento com mais clareza.

A entrevista se deu a partir de um questionário, e foi acertado um horário para ser feito de forma presencial na recepção da Escola de Música. Mediante assinatura do Termo de consentimento pela colaboradora, iniciou-se a entrevista com os registros das respostas gravadas com um celular. Posteriormente, foi feita a transcrição.

A análise dos dados neste estudo terá como base a teoria da interseccionalidade que, segundo Crenshaw (1989), busca analisar as interações e fatores sociais que definem o sujeito como gênero, raça, idade, pessoa com ou sem deficiência, entre outros fatores. Buscou-se, então, compreender como o gênero e a deficiência se entrelaçam para moldar as experiências de uma aluna no contexto da educação musical.

Para isso, adotaremos uma análise temática, categorizando as respostas em temas que evidenciam as diferentes dimensões de sua experiência. Esse método permite identificar padrões recorrentes e nuances que apontam para as especificidades das intersecções entre gênero e deficiência visual.

A partir da análise interseccional, procuraremos interpretar de que maneira as identidades da aluna se tornam significativas nos contextos da Escola de Música. Essa abordagem possibilita uma compreensão mais complexa e profunda dos dados, respeitando a integralidade das vivências da aluna e revelando como as opressões estruturais se manifestam de maneira única na intersecção de suas identidades.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Da aluna entrevistada, observa-se que, em suas respostas ao nosso questionário, desafios são apontados quando associado ao seu gênero e sua deficiência a partir das indagações que foram feitas. Antes, também é perguntado sobre a motivação que a fez estudar música assim como o que ela representa em sua vida. Neste, a entrevistada diz:

Tudo começou na minha infância, quando comecei a cantar, aos quatro anos na igreja [...] então, eu comecei desde pequena a gostar da música. Então, foi passando o tempo, continuei cantando na igreja. [...] Quando foi em 2016, eu conheci e entrei aqui no Projeto Esperança Viva. Então através do projeto, isso foi é... acendendo mais em mim, que realmente era o que eu gostava e que era o que eu tinha que fazer.

Quando perguntado sobre as suas dificuldades ao que tange os seus maiores desafios nesse processo de aprendizagem musical, a entrevistada diz:

Temos professores muito bons, mas também tem aqueles que são um pouco mais resistentes, né? Apesar de a gente ter os materiais adaptados às vezes devido à demora de despachos a gente acaba sendo prejudicada. Nessa questão, então às vezes a gente tem peças para serem executadas, mas a gente acaba sendo prejudicado porque [...] demora as vezes tem você essa partitura também, pela demora né de você mandar para a adaptação, então acho que junta tudo, todas essas coisas, né? [...].

Já quando se pergunta sobre quais as condições que a Escola de Música oferece para estudar e aprender música, a resposta elucida o papel da adaptação de materiais aos alunos. Esse relato, mostra o serviço que é realizado pelo SEMBRAIN na consistência da produção de partituras em braille (transcrição e revisão), ampliação do acervo digital de partituras digitais no RIA e produção e adaptação de materiais.

Ao levantarmos a pergunta “Por ser mulher, você acredita que isso traz alguma especificidade para a sua participação no projeto?”, a pesquisadora afirma que não, argumentando que seria contraditório visto que o projeto tem o caráter “inclusivo”.

Durante a entrevista, é pontuado que a entrevistada passou por um período grávida durante o curso de Bacharelado e do Projeto, atualmente, o seu bebê possui 1 ano e 3 meses. Quando perguntado sobre o suporte para dar continuidade em seus estudos, a Vitória responde:

Sim, tive um suporte muito bom. [...] Porque os professores tiveram que adaptar a aula até pra fazer aula à distância durante a licença, então realmente eu tive o suporte. [...] E estou tendo, senão, estaria bem difícil e já é difícil conciliar quando você tem [um filho] bem pequeno. (sic).

Quando perguntado, de maneira isolada ao marcador “deficiência” sobre suas dificuldades, a entrevistada menciona a resposta anterior aos problemas relacionada a adaptação, enfatizando que quando se encaminha o material com antecedência, de sua aula, ele consegue chegar a tempo hábil, levando em consideração que existe um

tempo para se realizar as adaptações. Outro ponto comentado, diz respeito sobre a forma de ler a partitura. Segundo Vitória:

a gente tem que decorar a partitura. No meu caso, além de decorar a melodia, tenho de decorar a letra. E como eu faço o canto lírico, então, são muitos os idiomas que a gente tem que decorar as músicas. [...]

Ao fazer novamente a pergunta, dessa vez considerando o ser mulher na área de música, Vitória diz: "infelizmente a gente acaba ficando pra trás. Sempre tem. [...], Mas, às vezes a gente ainda vê que tem uma preferência, sei lá, pra escolher entre homem e mulher, sabe?" (sic). Essa fala, remonta que, para além de um corpo que é impedido, ou "não eficiente", seguindo um raciocínio do termo "deficiência", há também o poder em torno do gênero como imperante. Para Mello e Nuernberg (2012) "as mulheres com deficiência estão em dupla desvantagem devido a uma complexa combinação de discriminação baseada em gênero e deficiência. Consequentemente, enfrentam uma situação peculiar de dupla vulnerabilidade, que se torna ainda mais complexa".

Ao perguntar sobre diferenças ao que tange aspectos interpessoais no Projeto e nas aulas da graduação, a colaboradora diz que no projeto, todos são tratados por igual. No entanto, a percepção dela na graduação é de que as pessoas têm um certo "medo" por não se aproximarem dela. Ela sugere que talvez seja por medo. Essa visão sobre o tratamento que é dado a Vitória é conceituada por Goffman (1988) *apud* Mello e Nuernberg (2012) da deficiência como um processo que define determinadas variações corporais como inferiores, incompletas ou passíveis de reparação/reabilitação quando situadas em relação à corpo-normatividade, isto é, aos padrões hegemônicos funcionais/corporais, trazendo um olhar de "diferente" e, por conseguinte, de repulso.

No fim, quando perguntado sobre os seus projetos futuros, a Vitória retrata o anseio de fazer uma licenciatura devido às questões relativas ao mercado de trabalho, visto que, em sua opinião, no bacharelado "é mais difícil". Ela acrescenta que essa escolha também subordina o envolvimento dela com a temática da inclusão na qual a licenciatura se discute mais, outrossim, sua vontade de fazer um mestrado.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse estudo buscou compreender, a partir do conceito de interseccionalidade, como os marcadores sociais de gênero e deficiência visual influenciam as experiências educacionais e musicais de pessoas com deficiência visual no contexto do Projeto Esperança Viva e enquanto estudante de bacharelado em música. Constatou-se que embora existam desafios significativos relacionados à acessibilidade, bem como a adequação de recursos, além da superação de estigmas sociais, as iniciativas inclusivas de inovações pela instituição têm desempenhado um importante papel na trajetória da aluna entrevistada.

O Projeto Esperança Viva não apenas oportuniza o desenvolvimento musical de seus participantes, mas também promove sua inclusão em um ambiente universitário, reforçando o potencial emancipador da educação musical. Além disso, a colaboração entre o SEMBRAIN e a Secretaria de Inclusão e Acessibilidade (SIA) demonstra o impacto positivo de ações articuladas para demandas de estudantes com deficiência. Para além disso, denota a importância dos docentes integrarem aos prazos para adaptação de materiais a fim de que a aluna possa ter acesso equânime a partituras e/ou textos no dia da aula, ou anteriormente, visto que a leitura em braille dispõe de memorização para determinados fins.

A partir da perspectiva da interseccionalidade, compreendemos que as experiências da aluna ocorrem de uma forma única pela interação entre seu gênero, sobre ser uma pessoa com deficiência visual e outras questões de sua identidade, como a recente primeira maternidade. Essa abordagem permitiu uma análise mais aprofundada e sensível sobre as dinâmicas de opressão e inclusão, evidenciando a necessidade de políticas e práticas que considerem as múltiplas camadas de vivência dos dois lados.

Por fim, esse estudo reforça a importância da continuidade dos investimentos em ações inclusivas e no aprimoramento de programas como o Esperança Viva, que não apenas atendem às necessidades específicas dos alunos, mas também enriquecem a comunidade acadêmica e musical como um todo. A trajetória de "Vitória" e sua relação com a música evidenciam o papel fundamental da educação musical inclusiva como ferramenta de empoderamento e transformação social.

REFERÊNCIAS

COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento**. Trad. Natália Luchini. Seminário "Teoria Feminista", Cebrap, 2013. [Traduzido de: *Black feminist thought: knowledge, consciousness, and the politics of empowerment*]. Nova York; Londres: Routledge, 1990.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Revista Estudos Feministas**, v. 10, n. 1, p. 171-188, jan. 2002.

DELPHY, Christine. **Antisexisme ou antiracisme? un faux dilemme**. 2012. Disponível em: <http://lmsi.net/Antisexisme-ou-antiracisme-Un-faux-dilemme>. Acesso em: 10 nov. 2024.

DORLIN, Elsa (org.). **Black feminism: anthologie du féminisme africain-américain, 1975-2000**. Paris: l'Harmattan, 2008.

GIL, Antonio Carlos *et al.* **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

GONÇALVES, Carlos Alberto; DE MORAES MEIRELLES, Anthero. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração**. São Paulo: Atlas, 2004.

MARQUEZAN, Reinoldo. O discurso da legislação sobre o sujeito deficiente. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Marília, v. 14, n. 3, p. 335-534, 2008, p. 463-478.

MELLO, Anahi Guedes de; NUERNBERG, Adriano Henrique. Gênero e deficiência: interseções e perspectivas. **Revista Estudos Feministas**, v. 20, n. 3, p. 635-655, set. 2012.

SILVA, Bruna da Silva e. **A interseccionalidade e a discriminação de raça e gênero no ensino superior: o caso da PUC-Rio**. Seminário de Iniciação Científica e Tecnológica da PUC-Rio, Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: <http://nucleodememoria.vrac.puc-rio.br/sites/default/files/documentos/producao-nucleo/pibic/interseccionalidade-discriminacao-raca-genero-ensino/resumo-interseccionalidade-discriminacao-raca-genero-ensino.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2024.

SILVA, Fernanda de Paula et al. **Marcos da inclusão de pessoas com deficiência: revisitando as políticas públicas brasileiras**. Curitiba, PR: Atena Editora, 2023.

SETOR DE MUSICOGRAFIA BRAILLE E APOIO A INCLUSÃO (SEMBRAIN). Disponível em: <https://sembrainemufnrn.wordpress.com>. Acesso em: 21 out. 2024.

SOUZA, Catarina Shin Lima de. **Música e inclusão:** necessidades educacionais especiais ou necessidades profissionais especiais? 2010. Dissertação (Mestrado em Música) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2010.

UNITED NATIONS. **Disability and development report:** realizing the Sustainable Development Goals by, for and with people with disabilities. New York: United Nations, 2019.